



FALARES URBANOS: EXPERIÊNCIAS ESMIGALHADAS

Clóvis Frederico Ramaiana Moraes Oliveira (UNEB)
cfoliveira@uneb.br

Norma Lucia Fernandes de Almeida (UEFS)
norma@uefs.br¹

RESUMO: Neste trabalho, pretendemos discutir, a partir da análise de um dicionário sertanejo (CARDOSO, 2012), as andanças e sentidos de palavras migrantes e do próprio processo migratório campo/cidade. Partimos do pressuposto que o falar rurícola é organizado a partir do princípio da experiência, trata-se de uma fala que incorpora, na sua narrativa, o viver e o trabalhar, as experimentações cotidianas, os elementos da paisagem. As palavras produzidas nesse contexto que comunicam pela descrição, falam de coisas que são e descrevem as trajetórias da coisa comunicada. Por seu turno, o urbano falar cobra velocidade nas comunicações, é ambientado no universo das trocas rápidas, da intensa produção e mediado por uma concepção de tempo radicalmente distinta. Na cidade, os “sons” são esmigalhados, as experiências dispersas ao sabor das elétricas energias em frenético processo de redução.

PALAVRAS-CHAVE: Léxico, Cultura, Sertão Baiano, Campo/Cidade

ABSTRACT: In this work, we intend to debate, with the analysis of a sertanejo dictionary (CARDOSO, 2012), the changes and feelings of migrant words and the countryside/city migratory process on its own. We go from the idea that the rural speech is organized with the experience, being a speech that incorporates, in its narrative, the living and working, cotidiane experimentations, landscape elements. The words produced in this context that communicates by description, talk about things that are and describe the trajectory of the communicated thing. In its own, the urban speech demands speed in communication, being ambiented in the rapid interexchanges, of intense production and mediated by a time conception radically distinct. In the city, the sounds are torned apart, the experiences disperse with the flavor of electric energies in a frenetic reduction process.

KEYWORDS: Lexicon; Culture; Backwoods Bahia, Field / City

1. INTRODUÇÃO

As palavras são uma das formas mais privilegiadas de acesso a uma cultura, ao conhecimento da realidade cultural de um povo e de uma região. É através da investigação sobre o léxico, em seus aspectos lexiculturais, que podemos, por exemplo,

¹ Professor Adjunto de Teoria da História da Universidade do Estado da Bahia, Campus Alagoinhas e Professora Titular de Linguística da Universidade Estadual de Feira de Santana.



conhecer a carga cultural compartilhada entre grupos sociais e como essa carga cultural se manifesta através das palavras. Sobre essa questão Celina Abade diz que

estudar o léxico de uma língua é enveredar pela história, costumes, hábitos e estrutura de um povo, partindo-se de suas lexias. É mergulhar na vida de um povo em um determinado período da história, através do seu léxico (ABADE, 2009, p. 213).

Isquierdo (2009, p. 43) diz que o léxico é o “nível da língua que melhor evidencia as pegadas do homem na sua trajetória histórica. É por meio dele que o homem nomeia o espaço que o circunda e consubstancia a sua visão de mundo acerca da sociedade.” Dentro desta perspectiva, pensaremos um pouco sobre a travessia das palavras entre os mundos rural e urbano e como essa travessia guarda pequenos segredos. Enquanto vão sendo transladadas, sofrem modificações como perda de “sotaques”, inclusão de novos sentidos, exclusão de significados. Com o tempo, os andantes vocábulos que saíram do campo têm parcelas significativas do seu ser retiradas, são transformados em criaturas mutantes, sombras daquilo que eram no campo. Nesse percurso de perdas e danos, são retirados os sons e marcas do viver que os originaram, as pronúncias são adaptadas ao ambiente citadino, ganham indexadores e velocidades novas, movimentam-se por novos critérios. Neste trabalho, pretendemos discutir, a partir da análise de um dicionário sertanejo (CARDOSO, 2012), as andanças e sentidos de palavras migrantes e do próprio processo migratório campo/cidade. Partimos do pressuposto que o falar rurícola é organizado a partir do princípio da experiência, trata-se de uma fala que incorpora, na sua narrativa, o viver e o trabalhar, as experimentações cotidianas, os elementos da paisagem. As palavras produzidas nesse contexto que comunicam pela descrição, falam de coisas que são e descrevem as trajetórias da coisa comunicada. Por seu turno, o urbano falar cobra velocidade nas comunicações, é ambientado no universo das trocas rápidas, da intensa produção e mediado por uma concepção de tempo radicalmente distinta. Na cidade, os “sons” são esmigalhados, as experiências dispersas ao sabor das elétricas energias em frenético processo de redução.



2. FALARES URBANOS: EXPERIÊNCIAS ESMIGALHADAS

Walter Benjamin (2007) apontava que nas sociedades modernizadas, aquelas nas quais o viver urbano e a força da mercadoria produzem a paisagem, a linguagem dominante seria dar e entender ordens. O polemista alemão ia além, indicando que um componente importante desse empobrecimento do papel da língua era a redução do “cosmos linguístico”, produzido pela toponímica descritiva, a nomes comemorativos, números, letras. Algo como transformar a Rua do Sol em J.J. Seabra ou Praça do Comércio virar da Bandeira, casos específicos de Feira de Santana.

Impõe-se, à comunicação oralizada e fornecedora de uma cartografia do espaço, o mecanismo comunicacional das placas, dos registros que não guardam relação com a história do lugar, antes o apagam, silenciando as páginas da escrita do tempo. A rapidez dos ordenamentos visuais, em um mundo cobrador de velocidades, trabalha para retirar do horizonte a linguagem longa, algo rebuscada, das tradições.

“Hoje longe muitas léguas”², ou seja, deslocados dos ambientes urbanos percorridos por Benjamin (2007) e passeando por outros tempos, recordamo-nos do pensador alemão, principalmente quando ouvimos os “sotaques”³ dos falares rurais que emergem de variados arquivos: de trabalhos acadêmicos que recorreram a falares do ontem, ouviram vozes do passado; de esforços dicionarizantes de professores sertanejos, labor que recupera expressões idiomáticas do mundo da roça, traduzindo-as letras para páginas ansiosas por registro. Mas também vemos tais sotaques no ar, condutor de tons musicais do cançãoeiro do sertão e estrada que liga as vozes de Elomar, Xangai, Gonzagão, Dominginhos.

Nesse ambiente que canta e encanta, nasceu em uma cidade sertaneja o “Dicionário Regional de Uauá” (ainda que possamos discordar da noção de ‘regional’) (cf, CARDOSO, 2012). Ao abrirmos na sua página 70, encontramos uma definição para

² Citação da música de Asa Branca, de Luiz Gonzaga.

³ Usamos o termo sotaque com significado expandido, com é entendido de acordo com o contexto.



peças que falam gritando: “rasga-mortalha”. A palavra nos tocou em cheio. No nosso sertão tanquinhense e capelense também é usada com o mesmo sentido. A escolha lexical traça relações entre os sons produzidos por uma ave noturna, cujo grito se assemelha a uma peça de tecido sendo rasgada, e a voz humana. As deduções preliminares sugerem uma análise importante; a escolha lexical descreve um comportamento, fazendo-o pelo aspecto relacional. A frase “fala baixo rasga-mortalha”, colocada como exemplo pela autora, convoca o ouvinte para articular o tom de voz do alvo da admoestação com as paisagens noturnas de fim de dia, momento em a coruja começa seus passeios. A descrição interpela o falante e coloca-o em outros espaços, com outros discursos, a circulação pelo espaço do mundo/sertão.

Além dos animais, usados como metáforas ou sínteses de práticas humanas, outros elementos do cotidiano surgem pelas páginas do “Dicionário”. Circulando pelas páginas, encontramos a expressão: “Só o loro” (CARDOSO, 2012, p.87). O significado? Pessoa que está acabada, morta de cansaço ou fragilizada por alguma doença. Mais um percurso: o que seria o loro? Uma peça da sela de montaria, uma tira de couro regulável que prende o estribo à parte principal do equipamento. Uma faixa pequena. Uma pista pode servir para entender a expressão “escondido sob o ‘guardaloro’”; maior e geralmente produzida com desenhos, a tirinha sequer aparece para quem observa a sela. Acrescente-se que é uma peça com motivos puramente funcionais, é elaborada sem preocupações estéticas.⁴ O recurso à expressão cobra do ouvinte o conhecimento da mecânica do aparelho, bem como dos papéis sociais desempenhados por ele. A prática vaqueira e seus censos estéticos, partes razoáveis do viver sertão, emergem com a fala, circulam entre os sentidos. Sons que saem da dura labuta das catingas para serem incorporados aos “sotaques” dos falares.

⁴ Na região de Senhor do Bonfim, muito próxima a Uauá, ocorre a expressão “Foi para as correias”, algo parecida com a que trato acima, diz-se das pessoas que estão muito mal, geralmente de saúde, com pequenas chances de recursos. A construção foi retirada da prática de socorrer o gado desnutrido, que já não consegue segurar de pé, com uma espécie de apoiador, feito com paus e correias, que mantém nessa posição.



Outra palavra nos aparece: “Piador” (CARDOSO, 2012, p.64). Agora descemos para a anatomia humana. O vocábulo citado corresponde à parte que o pé se encontra com o tornozelo. E o uso, a origem? A necessidade de peiar animais criados soltos. Como? Peiar? Peiar é o ato de botar a peia. Peia é um pedaço de corda, ou couro, com dois laços nas extremidades que é amarrada ao animal, no encontro entre a perna e a pata, limitando-lhe significativamente os movimentos, mas não o impedindo de se alimentar e beber água. Com o complexo mundo das cercas, os peiadores perderam o sentido, arames e mais arames desenvolvem o papel de aprisionadores, os bichos podem andar à vontade, dentro dos cercamentos cada vez mais estreitos. Jogando o seu papel, a língua transformou a peia que deixou de significar uma prática para nomear uma parte do corpo de gentes. Além disso, engoliu-lhe o “e” regurgitando-o, depois, na forma de “i”, aparentemente mais adequado aos falares sertanejos. A sina das palavras criadas em terrenos de práticas deslocam-se para mundos desconhecidos.

Deslocamos agora o olhar “para o passado tempo”. Nessa andança, encontramos o precioso glossário produzido por Herberto Sales para a primeira edição do seu livro “Cascalho”. Encontramos o termo familiar, muito sertanejo: “Lambedeira”. O significado do vocábulo pode soar estranho, é o mesmo que faca. Mas faca? Sim, e a ressemantização, a expansão do significado, deve ser entendida, novamente, pelos caminhos da experiência, pelos reusos que o objeto pode adquirir nas vivências ampliadas do mundo rural. Para além das suas atividades “normais”, do corte da carne, do furo de couros, a faca, principalmente na sua versão peixeira, é usada como arma. Esse uso cobra um instrumento bem afiado, pontudo, capaz de “lamber” o corpo dos inimigos sem dificuldades de ser embebido pelo sangue de quem se enfrenta.

Esses registros, tanto o saído de Uauá quanto aquele vindo do fundo da Chapada Diamantina, são evidências de práticas que se transformam em maneiras de expressar narrativas; palavras que surgem dos imprevistos encontros com a paisagem, vocábulos travessias. Grafados em papel, os pequenos construtos falam de memórias enredadas pelos jeitos de fazer o sertão, contam lembranças e marcas de um tempo devorado pela veloz avançada da tecnologia, recordam sons de bichos expulsos por desmatamentos.



Na linguagem que o dicionário registra, o ato de falar surge acompanhado de uma descrição, paisagens, práticas, animais, trabalhos e, em alguns casos, contos orais emergem pelo palavreado, são enunciados pelo vocábulo. Uma fala/descrição, portanto um instrumento de comunicação que cobra um tempo mais amplo e encaminha as gentes para o amplo território da experiência, com outras palavras, o entendimento cobra a imersão no universo que elabora a codificação linguística.

Mas esse cosmos discursivo não fica no rural não se reduz ao mundo sertão. “Meu caminho pelo mundo eu mesmo traço”, parecem cantar os conjuntinhos de letras. Desimpedidas de uma prestação de contas saem da roça, galgam serras, desvendam tortuosos caminhos catingueiros e chegam às cidades. No mundo urbano, um choque: esses falares são descritivos, nascidos do cotidiano de trabalhadores viventes que produzem o mundo rural, se encontram com outros sons e outras formas de encetar narrativas. No ambiente citadino, esse falar encontra duras provações. É estigmatizado e ganha várias denominações negativas. “Isso é fala de caipira”, “não entendo língua de tabaréu”. Uma interdição e o aparecimento de um conflito.

O conflito se instala no encontro de uma linguagem descritiva, despreocupada com o tempo da narração, com outra ágil e subordinada aos ritmados tempos de relógios e cartões de ponto. Um confronto mais imaginado que documentado, afinal a linguagem vencedora opera na direção de extinguir os ecos daquela que derrotou e, também, trabalha para extinguir a documentação do recontro.

Tornamos a viajar, mantendo-nos na década de 1940, mas saímos, em passadas compassadas, dos belos recantos da Chapada baiana para a “progressista” cidade de Alagoinhas. Usamos como meio de transporte as memórias de um velho ferroviário, aliás, um dos primeiros formados na Escola de Profissionalização Ferroviária. Perguntado sobre as relações com os colegas mais velhos, o trabalhador responde que teve muitos conflitos com os “guarimpeiros”, que eles os achavam “metidos”. “Eles vêm com esses nomes novos, mas a gente já chamava de ‘polegada magra’ e ‘polegada gorda’”: assim falariam os colegas que não passaram pela formação especializada.



Das memórias, algumas possibilidades de interpretação. Antes começamos com o que seria “guarimpeiro”. Palavra aproximada surge em outra narrativa, segundo Andreia Silva (2008) garimpeiros eram os operários que trabalhavam abrindo valas para a construção da estrada de rodagem, originalmente trabalhadores rurais. Não é nenhum exagero interpretativo supor que os colegas mais antigos, memorados por nosso ferroviário, fossem trabalhadores rurais incorporados a outras lidas da ferrovia. Sabendo que eram os sujeitos, vamos ao conflito. A memória, velha manhosa, lembrou precisamente de um confronto: os meninos letrados que chegavam dando nomes novos às coisas velhas e a reação dos mais antigos. Deslizamos o olhar pela poesia dos nomes, “polegada magra”, “polegada gorda”. Imaginamos que, sobrepondo-se a eles, surgiu o rigor métrico europeu; “meia polegada”, “uma polegada”; números e não nomes.

Deixemos um pouco a poesia das palavras e a frieza veloz dos números e perguntamos: que elemento acionou as velhas memórias precisamente nesse ponto? Por que precisamente esta discórdia? Certamente nunca chegaríamos a uma conclusão precisa, mas a história, a linguística também devem se alimentar de especulações. Acompanhado do velho ferroviário, prossigamos nos caminhos, talvez devêssemos dizer veredas. A principal pista é de que esse conflito é indiciário de outros, maiores, em torno dos usos de palavras. Certamente que o enfrentamento nasceu do trabalho da direção da empresa para construir uma linguagem, uma codificação uniformizadora e que fosse falada por todos trabalhadores. O cosmos linguístico sairia das escolas formadoras de jovens trabalhadores e estaria centralizado na desconstrução de falares regionais, de palavras localizadas e de alongados termos descritivos. Os formandos tiveram, então, a tarefa adicional de educar seus camaradas mais antigos nas línguas das técnicas e no refinado dialeto dos engenheiros. Duro labor que nos legou lembranças.

A ferrovia, a escola, os jovens trabalhadores, os “guarimpeiros” fornecem uma síntese de um processo mais amplo: o da expansão de um falar urbano. Como todo expansionismo, esse operou com o silenciamento daquilo que era anexado, sobretudo os falares rurais. Fundamentalmente a linguagem urbana hegemonizou-se por intermédio do prestígio cultural, usou como registro de nascimento o fato de emergir de centros



cultos, de escolas, de universidades. Fala doura, doura mas técnica, trazia consigo as marcas da precisão, a possibilidade de rápido entendimento e do reconhecimento veloz. Calava sons de outros recantos, cobrava fidelidade aos falares letrados e excluía aqueles regionalizados. O silenciamento das vozes das margens foi apresentado como uma necessidade histórica, a de tornar os falares isonômicos e inteligíveis para todos habitantes das cidades letradas.

Acreditamos que o estabelecimento de um padrão culto funcione como um redutor e um instrumento para a retirada de circulação de palavras destoantes do falar normatizado. “Reduzir” seria a exclusão dos sotaques distintos com a imposição monológica da monofonia, o sacrifício ideal dos falares oriundos da experiência. Cidade/cemitério dos sons rurais.

Elomar Melo (1979) fornece uma boa chave explicativa para a noção de “riduzir”. Vejamos o trecho abaixo:

Josefina sai cá fora e vem vê
Olha os fôrro ramiado vai chovê
vai trimina riduzi toda a criação
das banda da lá do ri Gavião
chiquêra prá cá já ronca truvão
futuca a tuia, pega o catadô
vamo plantá feijão no pó
(...)
luã nova sussarana vai passá
“sêda branca” na passada ela levo
ponta d' unha lua fina risca no céu
a onça prisunha a cara de réu
o pai do chiquerô a gata comeu
(...). (MELLO, 1979)

Para o músico sertanejo, o gesto de redução consiste no aprisionamento da “criação”, ou seja, o gado miúdo, aos limites dos chiqueiros, sobretudo em época de plantio ou de passagem de predadores, humanos e não. Um limite criado para o rebanho, agora tratado diretamente pelos que o manejam. Mas, falávamos antes dos avanços da cidade letrada sobre os falares rurais, qual seria a redução?

Na mesma região em que foi confeccionado o “Dicionário” aqui trabalhado, surge um precioso exemplar das reduções. Correndo o olhar pelo pequeno livro,



elaborado em Uauá, foi encontrada mais uma palavra: “Terreiro”. Além de outras definições muito ricas, a palavra significa, no texto em apreço, espaço limpo em frente de casa. Em outras regiões do sertão, terreiro não é apenas a frente, mas pode ser também a parte de trás. No dicionário “Michaels”, encontramos o vocábulo terreiro. Comparando, especificamente, com o que queremos encontramos uma expressão parecida: “Pátio limpo diante das residências do *interior* (grifo nosso)”⁵. A expressão final guarda o desejo de espacializar o termo e cria uma restrição de viagem, seria uma palavra definidora de um lugar interiorano, talvez distante.

Continuando a pesquisa na internet, procuramos, primeiro na memória, sinônimos da palavra terreiro (Terreiro, depois, em algumas regiões da Bahia, se restringe ao local no qual se pratica as religiões afro-brasileiras), o primeiro que aparece é “quintal”. Corremos os olhos, ligeiro, procurando encontrar o vocábulo sertanejo como uma definição possível da urbana expressão. Nada. Silêncio. De quintal, aprendemos apenas que é originário de uma antiga medida de peso, algo como “quatro arrobas”, informa o texto postado na rede. Nenhuma referência aos terrenos limpos, espaços de sociabilidades, de brincadeiras, de chulas festivas. No lugar do sinônimo, é deixado um espaço em branco, um vazio silencioso que funciona como apagamento da historicidade da palavra. Uma página de esquecimento produzida sobre uma trajetória de memórias e escritas.

De ‘q’ a ‘t’ o “Michaels” revela-se uma fonte de ilustração. Na definição de “terreiro” esmerou-se em produzir, como já apontado, uma espacialização. A palavra só pode ser entendida com o significado colocado acima em uma região determinada, o “interior”. Essa definição, em boa parte dos estados brasileiros, possui um sentido, é pronunciada quando se pretende elaborar uma oposição com a capital. Certamente não é exagerado imaginar esse posicionamento, de maneira mais ampla, como uma forma de conflitar o rural ao urbano, sendo a capital uma metáfora do segundo. *Quo vadis* imaginação? Para o lugar indicado pelo acréscimo da palavra na definição do “terreiro”. Aumento pequeno, mas significativo. “Interior” é igual a não urbano, aquilo deverá

⁵ (Disponível em <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues>
Acesso em 22 de set, de 2013.)



receber, em uma perspectiva histórica, as luzes benfazejas da civilização. Observado em lógica temporal o aumento significa uma tensão entre o que se quer “moderno” e o classificado como “arcaico”, o “ontem” e o futurista “hoje”.

Na dura gramática dos tempos, entretanto, não existe espaço em branco. Aos donos dos estiletos da escrita cabe o papel de produzir garatujas para encobrir os vazios. Quintal, palavra nascida da ordenação matemática hegemônica como a única definição para um importante território das casas, é uma metáfora da ordem urbana. Por um lado, depurou a língua citadina dos sons rurais, apagou e espacializou o importante centro de sociabilidades sertanejas e o remeteu para o tempo distante do passado. Por outro, ordenou o cosmos linguístico sob a tradição das falas da matemática, sugerindo-o como única opção para nomear, de forma inteligível os territórios das casas. Normas cultas invasoras de lares e ordenadoras de sociabilidades.

A leitura dos dicionários evoca uma passagem de Italo Calvino (1990) em “As cidades invisíveis”, na qual o escritor cubano cita coisas que falam em outras coisas, precisamente objetos que remetiam às práticas sociais que consolidavam o viver citadino. O trecho de rumo a Tamara falava da construção da invisibilização da experiência, do escondimento das práticas de memória sob camadas de pedra e cimento. A narrativa nos fala de algo que os territórios urbanizados esmeram-se em desfazer, experiências que constroem as trajetórias de agrupamentos não urbanos, a interdição de viveres que neguem o visual sedutor do progresso. Cidade? Espaço de trocas de mercadorias, território que cobra sujeitos uniformizados, “cidadãos”, gentes que se interessem sob mesma linguagem, como caminho uma depuração daquilo que excede e o silenciamento, pela negação, dos falares que não se enquadrem na uniformidade. Tempos de se estenderem vastos tapetes brancos de esquecimento, palavras/números em lugar de sons evocativos.



3. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBADE, Celina Márcia de Souza. O vocabulário da atividade sisaleira em Conceição do Coité. In: QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de (Org.). **Língua, cultura e sociedade: estudos sobre o léxico**. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2009, CD-ROM.

ARAÚJO, Tatiane Figueredo. **A vida nos trilhos: profissionalização, trabalho e política a partir das memórias de um ferroviário**. Alagoinhas: UNEB, 2013, p.40 (Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em História).

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Tradução de Irene Aron e Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora da UFMG, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007, p.97.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. Tradução Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 68.

CARDOSO, Elisangela Isabel. **Dicionário Regional de Uauá Bahia**. Uauá: 2012.

DICIONÁRIO MICHAELS. Disponível em <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues> Acesso em 22 de set, de 2013.

ISQUERDO, Aparecida N. O caminho do rio, o caminho do homem, o caminho das palavras...In: CARDOSO, Suzana A. M. et all (org) **Dos sons às palavras: nas trilhas da língua portuguesa**. Salvador, EDUFBA, 2009.

MELO, Elomar Figueira de. Arrumação. In: **Na quadrada das águas perdidas**, 1979.

SALLES, Herberto. **Cascalho**. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1944, p.405.

SILVA, Andreia Teixeira. **Entre a casa de farinha e a estrada Bahia-Feira: experiência camponesa de conflitos e sociabilidades na garantia da sobrevivência**, Feira de Santana (1948-1960), p. 165, 2008. Dissertação de Mestrado em História.

Recebido Para Publicação em 20 de abril de 2014.

Aprovado Para Publicação em 9 de maio de 2014.